

MARIA NA COMUNHÃO DOS SANTOS COMO ENTRE AJUDA NO DISCIPULADO E CAMINHO PARA UM DIÁLOGO ECUMÊNICO

Fecha de recepción: 19/02/2025 Fecha de aceptación: 05/03/2025

Zilda Maria Da Silva

Graduação em Teologia pela Faculdade Dehoniana de Taubaté, Mestra em Ciências da Religião pela PUC – Campinas, Doutora (2024) pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia Sistemático Pastoral Linha de Pesquisa Teologia e Modernidade pela PUC Rio - bolsista CAPES Com experiência na área de Teologia com ênfase em Teologia Pastoral.

RESUMO: O presente artigo apresenta Maria na comunhão dos Santos, com duas perspectivas o discipulado e o diálogo ecumênico. A pesquisa parte da fé católica na comunhão dos Santos, a presença de Maria como a primeira a estar nesta comunhão. O testemunho bíblico convoca todos os que creem, em qualquer geração, a chamar Maria de bem-aventurada: esta mulher judia de origem humilde, esta filha de Israel que vive a esperança de justiça para os pobres a qual Deus abençoou e escolheu para ser a mãe de seu Filho por meio da descida do Espírito Santo. E nós podemos até vislumbrar nela o destino final do povo de Deus para compartilhar a vitória do seu Filho sobre os poderes do mal e da

morte. A comunhão dos santos configura a própria Igreja, com seus santos e santas e com todos os que dela participam e são chamados a viver a santidade. Santos e Santas, homens e mulheres que procuram viver o Evangelho - A Boa Nova de Jesus - em sua plenitude de graça, de amor, no cotidiano da história. Todo o serviço que Maria presta aos homens e mulheres, consiste em abri-los ao Evangelho e convida- los a obedecer-lhe: “Fazei tudo o que vos disser” (Jo 2,5). E o caminho para o diálogo ecumênico, com todos os que professam a fé em Jesus Cristo, com o testemunho das Escrituras, situando Maria no seu tempo e história; ela é a Mãe do Filho de Deus Encarnado – *Theotokos*.

PALAVRAS-CHAVE: MARIA; COMUNHÃO DOS SANTOS; DISCIPULADO; DIÁLOGO ECUMÊNICO.

1 | INTRODUÇÃO

Em cada Eucaristia, renovamos e atualizamos nossa fé na comunhão dos Santos, quando rezamos o Creio: “Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja católica; na **comunhão dos santos**; na remissão dos

pecados; na ressurreição da carne; na vida eterna”. É a Profissão de Fé nas verdades que cremos.

Quando falamos em comunhão, nos remetemos a íntima comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Cristo, que nos revela o Pai, nos dá seu Espírito, o Pai que nos cria por amor, e o Espírito Santo que nos ilumina e fortalece na missão de cada dia. A Trindade, perfeita comunhão, modelo de comunidade, unidade dos três na diversidade de função e missão de cada pessoa. Assim como cristãos formamos comunidades de fé e vida pela participação na Igreja – povo de Deus.

A Igreja é, aos olhos da fé, Santa, pois Cristo, Filho de Deus, que com o Pai e o Espírito Santo é proclamado o único Santo, amou a Igreja como sua esposa. Por ela se entregou com o fim de santificá-la. Uniu-a, a si como seu corpo e cumulou-a com o dom do Espírito Santo, para a glória de Deus. A Igreja é, portanto, o Povo Santo de Deus e seus membros são chamados santos. Todos os cristãos batizados são incorporados a Cristo e chamados a viver uma identificação, a ter e viver os mesmos sentimentos de Cristo.

A comunhão dos santos configura a própria Igreja, com seus santos e santas e com todos os que dela participam e são chamados a viver a santidade. Santos e Santas, homens e mulheres que procuram viver o Evangelho - A Boa Nova de Jesus - em sua plenitude de graça, de amor, no cotidiano da história.

Uma vez que todos os crentes formam um só corpo, o bem de uns é comunicado aos outros. É preciso crer que existe uma comunhão dos bens da Igreja. Mas o membro mais importante da Igreja é Cristo, por ser a cabeça. Assim o bem de Cristo é comunicado a todos os membros e essa comunicação se faz através dos sacramentos da Igreja. Cristo é o grande sacramento do Pai.

Por Cristo, com Ele e Nele, passamos a participar da comunhão de Deus. Não há outro caminho que leve ao Pai, vivendo em Cristo chegamos a ser seu corpo místico, seu povo, povo de irmãos e irmãs, unidos pelo amor que derrama em nossos corações, o Espírito. Esta é a comunhão a qual chama o Pai por Cristo e por seu Espírito. Para ela se orienta toda a história da salvação e nela se consuma o desígnio amoroso do Pai que nos criou. (PUEBLA, 1968, p. 102)

“A Igreja, sacramento de Cristo, uma realidade humana feita de homens e mulheres e limitados, mas penetrados pela presença insondável e pela força do Deus trino que nela resplandece, apela e salva”(PUEBLA, 1968, p. 105). Em todo o culto a Virgem Maria e na piedade mariana, deve-se levar em conta as dimensões: Bíblica: compreender Maria a partir da mensagem cristã, situando-a no Mistério de Cristo e da Igreja; Litúrgica: os exercícios de piedade mariana devem harmonizar-se com a liturgia e não se confundir com ela; Ecumênica: a devoção a Mãe de Deus deve adquirir uma marca ecumênica; Antropologia: Maria constitui um modelo de fé corajosa e um amor ativo, é a mulher que proclamou no cântico do Magnificat (Lc 1,53-57) que Deus é quem eleva os humildes e os oprimidos e derruba de seu trono os poderosos do mundo. Para tornar mais vivo e com

sentido o que nos une à Mãe de Cristo e Mãe nossa, na Comunhão os Santos.(PAULO VI, 1974, p. 31-41) Em sua Exortação Gaudete et Exsultate no n.9 o Papa Francisco afirma que a santidade é o rosto mais belo da Igreja e segue dizendo que mesmo fora da Igreja Católica e em áreas muito diferentes, o Espírito suscita sinais da sua presença, que ajudam os próprios discípulos de Cristo.

2 I MARIA NA COMUNHÃO DOS SANTOS

Maria é o membro mais perfeito da Igreja: “Por graça de Deus exaltada depois do Filho acima de todos os anjos e homens, como mãe santíssima de Deus, Maria esteve presente aos mistérios de Cristo e é merecidamente honrada com culto especial pela Igreja” (LG, p. 111). É na Santidade de Maria que a unidade da Igreja triunfante no céu e da Igreja peregrina na terra, é levada à sua expressão perfeita. Assim encontramos na Oração Eucarística I: “Na comunhão de toda Igreja, queremos designar em primeiro lugar a bem-aventurada Virgem Maria, mãe de nosso Deus e Senhor Jesus Cristo, José seu esposo, os bem-aventurados Apóstolos e Mártires e todos os Santos”.

A Igreja povo de Deus, que acolheu o dom da Salvação em Jesus Cristo, se concretiza primeiramente e plenamente em Maria, nela Deus mostrou historicamente o que quer de todos, e o que será vivido na glória dos redimidos. “Maria não surge assim como um arquétipo estático. Ela é dinâmica, cria suscita vida nova, ajuda a construir a nova humanidade e quer permanecer sempre mãe, gerando novos filhos para a história no céu”. (BOFF. L, 1986, p.175)

Pelo seu sim, Maria acolheu e viveu a vontade de Deus em sua vida, para ser a mãe santíssima de Deus. Esteve presente nos mistérios de Cristo e por isso é honrada com culto especial pela Igreja. “Chamada e venerada com o título de Mãe de Deus, sob cuja proteção os fiéis se refugiam, suplicam em todos os seus perigos e necessidades” (LG. 1994, p. 111).

A relação com Maria-mãe é considerada legítima no catolicismo, mas deve sempre se purificar de expressões sentimentalistas estereis e passageiras. A mãe de Deus não está no mesmo nível de Deus-Pai. Todo culto cristão é fundamentalmente Trinitário e assim deve se manter: ao Pai, pelo Filho, no Espírito. Como afirma o Beato Chaminade:

“Quando Maria deu seu consentimento para a Encarnação do Verbo em suas castas entranhas, era consciente da obra e economia da redenção em toda sua extensão, e aceitou com amor. Compreendeu que ao receber Jesus, o concebia todo inteiro, em seu corpo natural e em seu corpo místico, pois não podia separá-lo do qual devia formar um só com Ele. Assim aceitou humildemente a honra da maternidade divina, aceitou ser mãe de Jesus em seus dois aspectos: individualmente, como na plenitude de seu corpo, que é a Igreja: A plenitude do corpo de Cristo é a Igreja (Ef 1,23). Ao conceber naturalmente o Salvador em seu seio virginal, concebeu espiritualmente em sua alma, por seu amor e por sua fé, aos cristãos membros da Igreja e,

portanto, a um só Jesus Cristo. "CHAMINADE, G.J. 1968, p. 163)¹

Deus se fez carne, por meio de Maria, começou a fazer parte de um povo, constituiu o centro da histórica. Ela é o ponto de união entre o céu e a terra. "Sem Maria desencarna-se o Evangelho, desfigura-se e transforma-se em ideologia em racionalismo espiritualista"(PUEBLA, 1968, p.122). "Nesse ínterim a mãe de Jesus, tal como está nos céus já glorificada de corpo e alma, é a imagem e o começo da Igreja como deverá ser consumada no tempo futuro". (LG, 1994, p. 113).

Maria viveu como ninguém as bem-aventuranças de Jesus, ela é aquela que estremece de júbilo na presença de Deus, aquela que conservava tudo no seu coração é a abençoada entre todos os santos e santas, ela nos mostra o caminho da santidade e nos acompanha neste caminho como mãe e discípula (GeE, 2018, p. 58).

3 I COMO ENTRE AJUDA NO DISCIPULADO

Através da missão do Filho e do Espírito, revela-se aos homens e mulheres o amor de Deus-Pai-Mãe e nos é dado penetrar de algum modo no mistério da comunhão Trinitária. Maria, a primeira discípula e seguidora de Cristo, teve a missão de trazer Cristo ao mundo, de fazê-lo conhecido, amado e servido, esta é também a missão de cada cristão, batizado e como membro de um povo santificado pelo batismo, somos chamados, a manifestar esta santidade, que exige o cultivo tanto das virtudes sociais como da moral pessoal, sendo este cultivo das virtudes, da dignidade humana, do bem comum no cuidado de toda a criação, o desafio para seguir sendo fiel a este chamado.

A Igreja peregrina, em comunhão com a Igreja celeste, nos convida a imitarmos a Maria e todos os santos e santas que nos precederam e viveram o seguimento de Cristo, na radicalidade do seu dia-a-dia, e contexto de sua época. O testemunho dos santos e santas consiste em viver as bem-aventuranças, uma vida marcada por gestos concretos e práticas simples, que refletem a vivência dos sentimentos e práticas de Jesus de Nazaré, sendo pessoas com espírito orante e necessidade de comunicar-se com Deus.

Modelo perfeito desta vida espiritual e apostólica é a bem-aventurada Virgem Maria, rainha dos Apóstolos. Enquanto levava na terra vida igual a todos, sempre cheia de cuidados familiares e de trabalhos, estava sempre intimamente associada ao Filho, cooperando de modo absolutamente singular na obra do Salvador. Agora, porém, é levada ao céu, e com amor materno se empenha pelos irmãos de seu Filho que ainda peregrinam expostos aos perigos e angústias, até que sejam todos conduzidos à pátria feliz. A ela veneram todos com maior devoção e entram na vida e no apostolado de sua maternal solicitude.²

1 CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos, II nº. 482, p. 163 - Também podemos citar aqui o Capítulo VIII, da Lumen, Gentium, nº. 58, que nos diz que Maria avançou na peregrinação da fé.

2 CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II - Decreto "Apostolicam Actuositatem. Vocação do leigo ao apostolado

O desígnio de Deus de levar o homem e a mulher à comunhão plena entre si e a participação na própria comunhão divina, não está plenamente realizado. A Igreja está a serviço e se encontra a caminho – missão contínua, até que Deus seja tudo em todos. Maria aviva na Igreja a consciência de sua condição de peregrina, que caminha na história dos homens e mulheres em direção ao Reino de Deus.

Não pertencemos somente a Igreja da terra, pelo batismo Cristo nos recebe na família de Deus, a qual supera e transcende o que dela podemos ver na Igreja da Terra. Existe entre as duas uma íntima união, pois se a Igreja é o corpo de Cristo, este não pode ser multiplicado, nem dividido. É uma vida única que a partir de Cristo circula na Igreja do céu e na Igreja da terra. Existe, portanto uma única Igreja, assim como um único Senhor e um único Espírito.³

A Igreja é então a reunião de todos os santos e santas, desde o começo do mundo, com os patriarcas, os profetas, os mártires e todos os justos, santificados por uma mesma fé (cf. Hebreus 11), marcados pelo sinal de um mesmo Espírito, eles formam um único corpo do qual Cristo é a cabeça. Comungamos com esta única Igreja, em grau e formas diversas, os vivos estão em marcha, realizando a peregrinação, caminhando para a plenitude do dom de Deus. Os nossos irmãos e irmãs já falecidos já se encontram nesta plenitude do dom de Deus.⁴

É pela celebração da Eucaristia que podemos dizer que leva ao auge dos fiéis presentes na ação de graças da Igreja peregrina e da Igreja celeste como rezamos na Oração Eucarística I: ... com todos os vossos Santos. Porém enquanto peregrinamos na terra, somos convidados a viver e acolher por nossa conversão o Reino de Deus que está próximo e orientar nossa vida para as bem-aventuranças. Sabemos que a Igreja feita de mulheres e homens é marcada pelo pecado. Vivemos num momento concreto com nossa existência histórica, onde somos marcados pela injustiça, exclusão, discriminação, valoriza-se mais o ter, do que o ser isto nos impede muitas vezes de viver plenamente a proposta de Cristo, de vida e vida em abundância para todas e todos.

Neste contexto somos convidados a olharmos para todas as Santas e Santos que nos precederam e que atenderam ao chamado de viver na radicalidade e em plenitude o seguimento de Cristo, atendendo a frase de Maria, nas bodas de Caná: “Façam tudo o que ele lhes disser”. Assim em união com todos os que nos precederam e são sinais e estímulo para nossa vida e missão, podemos vencer as injustiças e como Maria cantar o magnificat.

E é adquirindo a consciência de nossa condição de pessoas que ainda peregrinam, que aprenderemos com os santos e santas em Deus de que modo vivendo nas mesmas circunstâncias que eles viveram podemos e devemos realizar o que Cristo nos ensinou, a praticar o que Ele pregou, assim daremos conta mais vivamente de que a Igreja peregrina,

3 EYT, P. Eu creio em Deus, o credo comentado, pp. 123. Neste trecho o autor faz uma meditação sobre as cinco proposições de nossa Profissão de Fé: “ Na Santa Igreja Católica, na Comunhão dos Santos, na Remissão dos Pecados, na Ressurreição da Carne, na Vida Eterna”, vistas à luz e fonte do Espírito Santo.

4 EYT, P. Eu creio em Deus, o credo comentado, p.122-123

e portanto, cada um de nós, se encontra a caminho rumo à Pátria que eles já conseguiram alcançar, compreenderemos que nós e eles constituímos uma só Igreja, o Corpo Místico de Cristo.

Cada santo é uma missão; é um projeto do Pai que visa encarnar, em um momento determinado da história um determinado aspecto do Evangelho, esta missão tem sentido pleno em Cristo e a partir dele, assim santidade é viver em união com Ele, sua vida, paixão, morte e ressurreição, ou a vivência de diferentes aspectos da vida terrena de Jesus: a vida oculta, a vida comunitária, a proximidade aos últimos, a pobreza e outras manifestações de sua vida e doação por amor.⁵ “Maria tão próxima de Jesus humano, por ser sua mãe, viveu a paixão e a ressurreição de seu Filho para se tornar discípula da Igreja, assim a figura de Maria adverte a todos os cristãos de que não se pode prescindir da Cruz e da Páscoa para entrar na comunidade do seu Senhor”.⁶

4 | CAMINHO PARA UM DIÁLOGO ECUMÊNICO

Caminho que vai sendo construído primeiro a partir do testemunho das Escrituras, situando Maria no seu tempo e história; segundo ela é a Mãe do Filho de Deus Encarnado e por último o Espírito Santo e a Igreja, da qual Maria é membro e pertence a comunhão dos santos.

Nas escrituras encontramos as raízes humanas de Maria, ela pertence a um povo, é uma filha de Israel, uma esposa e uma mãe. Através dos textos bíblicos encontramos, Maria uma mulher judia do mediterrâneo do século I d.C. Algumas características histórica, religiosa e social: uma pessoa única e irrepetível, paradigmática, num contexto em que as mulheres só podiam ser o que se esperava que fossem: submissas, recolhidas, humildes, modestas, dedicadas à procriação e ao bom funcionamento do lar. Maria é o modelo perfeito de todas as virtudes femininas.

De acordo com as categorias próprias do sistema social mediterrânico, pertence às mulheres ser o suporte familiar para tudo o que fazem fora e dentro de casa (Prov 31,1-31), participa na fé judaica e na cultura do seu povo oprimido. O seu nome (Myriam) lembra-nos a profetisa irmã de Moisés, a jovem mulher que teve muito a ver com a vida do libertador de Israel da escravidão do Egito, Moisés; a mulher que encorajou o canto de louvor nos lábios das mulheres hebraicas, mulheres que tinham atravessado o Mar Vermelho e visto as poderosas forças do Faraó derrotadas: cavalos e carruagens atiradas ao mar (Ex 15,21), ou seja: os instrumentos do poder do homem, que se revelam inúteis perante o poder de Deus. Maria espera, com os anawins (os pobres) do seu povo, a salvação de Israel.

Mateus no seu Evangelho vê o cumprimento das promessas feitas por Javé a Israel acontecer, através da ação de Jesus e da comunidade de seus seguidores. Inicia seu Evangelho com a genealogia de Jesus. “... Jacó gerou José, esposo de Maria, da qual

5 FRANCISCO, Exortação Apostólica Gaudete et Exultate, sobre o chamado a santidade no mundo atual. No. 19 e 20.
6 GRUPO DE DOMBES, Maria no designio de Deus e na comunhão dos Santos, n. 189, p.93.

nasceu Jesus, chamado Cristo”. (Mt 1,16). Mateus cita o nome de quatro mulheres, sendo que todas elas inclusive Maria, deram a luz irregularmente, porém em cada um dos casos destas mulheres, Tamar, Raab, Rute, Maria; Mateus sublinha a gratuidade com a qual Deus introduz estas mulheres na corrente originante do Messias. Maria é vista como a mãe virginal da esperança virgem, mulher prenhe de vida, rosto do povo cheio de luz, rosto de Deus que renasce sempre dos escombros da destruição.

Marcos nos ensina que até Maria, a criatura mais unida a Cristo com vínculos de sangue, teve que elevar-se a uma ordem de valores mais alta. Depois de haver levado Jesus no seu ventre, era preciso o engendrar no coração, cumprindo a vontade de Deus (cf. Mc 3,35). Assim a figura de Maria se harmoniza e se completa com o seu itinerário de fé: “De mãe de Jesus a discípula e seguidora”.

“O evangelista Lucas é aquele que nos fornece o maior número de elementos para uma teologia Marial”.⁷ Onde encontramos a boa nova de Jesus e a boa nova de Maria numa íntima relação, e complementariedade. A mensagem central é que “Deus se fez carne humana”, isto vai ao longo dos escritos de Lucas reaparecendo passo a passo e que é vivido nas diferentes comunidades cristãs. Podemos compreender Maria em Lucas como: exemplo vivo da perfeita seguidora de Jesus, a discípula ideal; a que faz o elo entre os três períodos da história da salvação (presente junto ao velho Israel, de mãe de Jesus a discípula e início da Igreja = Pentecostes); agraciada por Deus, é a profetisa no cântico Magnificat; é peregrina na fé; é a pobre (humilhada / humilde) mulher de Nazaré.⁸

Maria no quarto Evangelho não é chamada pelo nome “Maria”, ela é a mãe, a mulher, ou seja, é a mãe de Jesus e a companheira da comunidade. Encontramos dois episódios que se referem explicitamente a Maria: Jo 2,1-12 Bodas de Caná e Jo 19,25-27 ao pé da Cruz. Estas duas cenas do Evangelho de João têm a força divina do amor solidário. Em Caná a solidariedade = sensibilidade atenta a necessidade humana. Ao pé da Cruz a solidariedade = compaixão, o sofrer com o assumir as dores do outro.⁹

O testemunho bíblico convoca todos os que creem, em qualquer geração, a chamar Maria de bem-aventurada: esta mulher judia de origem humilde, esta filha de Israel que vive a esperança de justiça para os pobres a qual Deus abençoou e escolheu para ser a mãe de seu Filho por meio da descida do Espírito Santo. E nós podemos até vislumbrar nela o destino final do povo de Deus para compartilhar a vitória do seu Filho sobre os poderes do mal e da morte.¹⁰ A partir da fé pascal compreendemos Maria no mistério de Cristo, Maria a *Theotokos* – a mãe do Filho de Deus encarnado, fundamentado na Sagrada Escritura nos textos que narram a presença de Maria, sua missão e vocação de ser a mãe de Jesus. A

7 GEBARA, I., BINGEMER, M.C Maria mãe de Deus e mãe dos pobres, p.79. Usando de forma genial o Antigo Testamento, Lucas tem como idéia central: Deus se fez carne humana por meio de Maria.

8 GEBARA, I., BINGEMER, M.C Maria mãe de Deus e mãe dos pobres, p.137-138

9 GEBARA, I., BINGEMER, M.C Maria mãe de Deus e mãe dos pobres, p. 201

10 COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA. Maria: graça e esperança em Cristo. No.30. p.27

definição do dogma da *Theotokos* foi na primeira seção dos Cirilianos de 22 de junho de 431, Concílio de Éfeso.¹¹

Outros Concílios também tiveram importância significativa em torno a maternidade divina de Maria: Constantinopla (381) e Calcedônia (451), onde a referência a Maria aparece contida no seu símbolo.¹² O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), quanto a doutrina sobre a maternidade divina de Maria, não se limitou a repropor o que já fora definido ou indicado anteriormente, mas ainda, releu esse mistério fundamental de Maria no mais vasto contexto doutrinal de toda missão da Virgem, considerando-a dentro da perspectiva teológica da história da salvação, isto é, à luz de Cristo Salvador da Igreja - sacramento salvífico.¹³

Maria, tão próxima do Jesus humano por sua maternidade, teve de viver a paixão e a ressurreição de seu Filho para se tornar discípula da Igreja. Por isso, a figura de Maria adverte o cristão de que não pode prescindir da Cruz e da Páscoa para entrar na comunidade de seu Senhor. (GRUPO DE DOMBES, 2005. p..93)

Com a fundamentação nos textos dos Atos dos Apóstolos (Atos 1,14; 2,1-21), Maria se encontra presente em oração junto aos apóstolos, onde o evangelista Lucas, após escrever seu Evangelho que narra as palavras e o destino de Jesus, escreve os Atos que narra a história da Igreja e sua missão, com o Pentecostes, onde todos ficaram repletos do Espírito Santo, tudo indica que Maria fazia parte como membro na nascente comunidade judeu-cristã, como discípula exemplar a partir da Anunciação, como modelo de fé e dinamismo missionário.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cristãos e cristãs chamados a olhar para esta mulher Maria, aquela que em seu tempo foi fiel ao chamado de Deus pelo seu *Fiat*, assumindo a missão de ser a mãe do Filho de Deus encarnado a *Theotokos*, segue hoje sendo modelo de fé, fidelidade, humilde e abertura a Deus. O artigo, Maria, na Comunhão do Santos, como entre ajuda ao discipulado e caminho para um diálogo ecumênico com as religiões que seguem a Jesus Cristo, que se encarnou no ventre de uma mulher Maria, deixa aberto um caminho para seguir a pesquisa.

REFERÊNCIAS

BOFF, L. O rosto materno de Deus. Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLIA ROMANA. Maria: graça e esperança em Cristo. São Paulo, Paulins, 2005.

11 Definido na primeira seção dos Cirilianos, na 2ª. Carta de Cirilo a Nestório.

12 DS 150 e 301

13 Capítulo VIII, da Lumen Gentiun., onde podemos fazer a leitura deste documento em dois aspectos: a maternidade divina no mistério de Cristo e a maternidade de Cristo no mistério da Igreja.

- CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II, Constituições, Decretos, Declarações. Petrópolis: Vozes. 1994.
- CELAM. Conclusões da Conferência de Puebla. Evangelização no futuro e no presente da América Latina. Petrópolis: Vozes,1980.
- DENZINGER, H., El magisterio de la Iglesia, Madrid, Herder, 1999.
- EYT, P. Eu creio em Deus, o credo comentado. São Paulo, Edições Loyola, 1990. FRANCISCO, Exortação Apostólica Gaudete et Exultate, sobre o chamado a santidade no mundo atual. São Paulo, Paulus,2018.
- FRANCISCO, Angelus, Solenidade de Todos os Santos de 01/11/2015. FRANCISCO, Angelus, Solenidade de Todos os Santos de 01/11/2014.
- GEBARA, I, BINGEMER, M,C, Maria, Mãe de Deis e dos pobres. Petrópolis, Vozes, 1987. GUIMARÃES, V. (Org) Maria, trono da sabedoria. Aparecida, Santuário, 2015.
- GRUPO DE DOMBES, Maria no desígnio de Deus e na comunhão dos Santos. Aparecida, Editora Santuário, 2005.
- CHAMINADE, G.J., Escritos Marianos I – II. Madrid, Ed. SM, 1968. MURAD, A., Quem é esta mulher? Maria na Bíblia. São Paulo, Paulinas, 1996.
- MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, compêndio de Mariologia. São Paulo, Paulinas, 2012.
- PAULO VI. O Culto à Virgem Maria. Petrópolis, Vozes, 1974